



Recebido em: 02/01/2015

Aceito em: 20/02/2015

Poder Político e Poder Religioso na História dos Cristianismos Antigos. Do Pluralismo à Exclusão Institucional.

André Barroso

SEEDUC-RJ

LHER-IH/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/0466146822739635>

Juliana B. Cavalcanti

PPGHC/UFRJ

LHER-IH/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/6770181406770057>

Resumo:

O presente artigo visa propor uma breve reflexão sobre a importância de uma metodologia sobre os Cristianismos de forma a trazer a luz dos trabalhos deste campo da História das Experiências Religiosas em que conceitos como “ortodoxia” e “heterodoxia” não devem ser normatizados, mas vistos à luz de um longo processo de institucionalização do Cristianismo.

Palavras-Chave: Institucionalização, Metodologia, Cristianismos

Abstract:

This paper speaks about the important of one methodology to the Early Christianity. Contributing to perception what conceptions as “orthodoxy” and “heterodoxy” may be not standardized, but they may be seen in a long process of the institutionalization of Christianity.

Keywords: Institutionalization, Methodology, Christianity.

1. Introdução e delimitação do tema:

Gostaríamos antes de tudo de recolocar o tema que pretendemos trabalhar como forma de ajudar a apreensão, deixando claro onde queremos chegar. Bem como os caminhos (teoria e metodologia) que pretendemos percorrer para tratar de um movimento que ainda hoje influencia a vida de milhões de pessoas e, de alguma forma, ainda determina ações políticas e econômicas ao redor do mundo: falamos do “cristianismo”¹. Pode parecer óbvio, mas Jesus nunca foi cristão nem muito menos fundou ou lançou as bases para o que se entende como “cristianismo”². Tal afirmação, por incrível que possa parecer, ainda causa desconforto quando a conjecturamos em determinados círculos, em seminários e congressos dos quais tenhamos participado de norte a sul do Brasil.

A ideia central do artigo que se apresenta está no final do título, ou seja, buscar-se-á pensar uma questão específica no processo que se transcorreu entre o nascimento do “cristianismo” e as bases para o desencadeamento do movimento de institucionalização empreendida desde meados do século I EC. Mas que ganha força entre os séculos II e III EC e que é levado a cabo com a elevação do cristianismo à religião oficial do Império Romano no decorrer do século IV EC.

Cabe ainda relembrar que este é um trabalho produzido por historiadores, sendo assim, uma pesquisa histórica de um momento onde a documentação, as fontes, quando as encontramos, são por demais mediadas por programas teológicos, acréscimos e supressões que (cf. Ap 22: 18-19, jo 20: 30-21: 2)³, por vezes, determinaram as leituras que temos sedimentadas graças às catequeses e às escolas dominicais, que cumprem seu papel e tem a sua importância no âmbito das confissões que professam e em muitos casos na formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e da importância da criação de laços de cooperação

¹ Optou-se por colocar entre aspas o conceito cristianismo, pois como ficará evidente no decorrer do presente capítulo este movimento em nenhum momento foi único; todavia a crescente ortodoxia que se formará nas disputas e negociações configuram e/ou se propuseram a apresentar uma experiência supostamente única, mas que desde suas origens é de fato pluralizada.

² VERMES, G. (1990). Jesus, o Judeu: uma leitura dos evangelhos feita por um historiador. São Paulo: Loyola._____ (2005). Jesus e o Mundo do Judaísmo. São Paulo: Loyola. CROSSAN, J. D. (1995) Quem matou Jesus. As Raízes do Anti-Semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus. Rio de Janeiro: Imago.

³ Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e manifestou-se assim: Estavam juntos Simão Pedro, e Tomé, chamado Dídimo, e Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos.

entre si e com o meio-ambiente. Mas não podemos confundir estes aspectos morais legítimos de boa parte dos programas teológicos das inúmeras experiências religiosas com a pesquisa histórica, onde verdades de fé são transformadas em verdades históricas, o que pode incorrer e, com frequência incorre, na leitura literal de textos religiosos que é e tem sido a base instrumental para todo o fundamentalismo e intolerância.⁴

Desde artigos científicos até trabalhos publicados em magazines, em todos eles é possível encontrar a constante preocupação em compreender a relação estreita entre religião e política na Antiguidade, seja nas experiências religiosas politeístas seja nas monoteístas⁵. Então, faremos aqui somente um parêntese para reafirmar esta realidade que embora já se tenha tanto falado, debatido e registrado, ainda hoje nos parece estranho fazer a afirmação de que as reflexões e ações de Jesus, ou aquelas que seus seguidores decidiram registrar são ações também políticas, ou que tem implicações diretamente políticas.

Para uma aplicação da pesquisa entre política e religião no tempo de Jesus e seus reflexos na atualidade vale a pena ler as obras de Richard Horsley: (HORSLEY, R. (2000). **Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia. Contexto Social de Jesus e dos Rabis.** São Paulo: Paulus; (2000). **Jesus e o Império.** São Paulo: Paulus; (1989). **Sociology and the Jesus Movement.** New York: Crossroad; SILBERMAN, N. A. (2002). **La Revolución del Reino: cómo Jesús y Pablo transformou El mundo antiguo.** Santander: Sal Terrae), e Crossan: (CROSSAN, J. D. (2004). **O Nascimento do Cristianismo. O que Aconteceu nos Anos que se seguiram à Execução de Jesus.** São Paulo: Paulinas; REED, J. L. (2207). **Em Busca de Jesus: Debaixo de Pedras por Detrás dos Textos** São Paulo: Paulinas; (2007) **Em Busca de Paulo: O Império Romano e o Reino de Deus frente a frente, em nova visão edas Palavras.** São Paulo: Paulinas; BORG, M. J. (2006;). **The Last Week: What The Gospels Really Teach about Jesus's Final Days in Jerusalem.** New York: HarperCollins Publishers).

⁴ Neste sentido, é válido lembrar o paradigma de um "saber indiciário", proposto do Ginzburg. Onde este comprehende que o conhecimento é tecido pela força que concentra na observação do pormenor revelador. De forma assim, que possamos nos despir dos véus de leitura que tendem a sacralizar a documentação e conjecturar leituras fundamentalistas como já fora frizado. Ver: GINZBURG, C (1990). **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras.

⁵ Chevitarese, A. L. (2011). **Cristianismos: Questões e Debates Metodológicos.** Rio de Janeiro: Kline.______. Cornelini, G. (2007). **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaios Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo.** São Paulo: Annablume/FAPESP.______. Selvatici, M. (2006). **Jesus de Nazaré: Uma Outra História.** São Paulo: Annablume/FAPESP.

Para finalizar esta questão e apontar algumas questões ou ações que hoje podem ser observadas como relações estreitas entre política e religião, temos o seguinte trabalho de Juan José Tamayo (2011): "Otra Teología es Posible: Pluralismo Religioso, Interculturalidad y Feminismo" que vai intitular um capítulo desta obra, "ética religiosa y la teología de los mercados", a fim de apresentar os discursos pseudo-teológicos que determinam ou influenciam a política econômica e social ao redor do mundo. Esta relação tem seu melhor exemplo na chamada "Guerra ao Terror" produzido pelos Estados Unidos, com apoio de vários países, com o intuito de desferir ataques a regiões dirigidas por partidos muçulmanos que teoricamente teve como fundamento o "choque das civilizações"⁶.

No Brasil temos experimentado uma inversão nas prioridades no debate político nas últimas campanhas eleitorais. O debate em torno do aborto ganhou destaque, substituindo questões como saúde, educação e infraestrutura, isto se deve ao aumento da bancada "evangélica" que hoje é a segunda maior bancada do congresso brasileiro. No Rio de Janeiro, a pedido do arcebispo, foi aprovada uma lei que torna obrigatório o ensino religioso na rede pública municipal, lei que já existia no estado do Rio de Janeiro, colocada em pauta pelo governo "evangélico" de Antony Garotinho e Rosinha Mateus.

2. Qual a base de afirmação de um pluralismo original?

Optando primeiramente pelos textos canônicos, ou seja, aqueles que foram escolhidos para que compusessem o *corpus* cristão por volta do século terceiro da Era Comum e a partir desta escolha inicial restringisse ainda mais esta lista documental⁷, e separasse deste todo apenas o material paulino, nos depararíamos com exemplos que nos servem para demonstrar a afirmação inicial.

A primeira situação seria as diferenças básicas de uma comunidade para outra no que diz respeito à cultura, costumes e o conjunto de elementos de crenças. A segunda e mais marcante diz respeito ao debate entre Paulo e os demais seguidores naquilo que ficou conhecido como o Concílio de Jerusalém, em que se

⁶ Teoria estabelecida pelo cientista Samuel P. Huntington, segundo a qual as identidades culturais e religiosas serão as principais fontes de conflitos mundiais depois da Guerra Fria. Ver também: SAID, E (2007). Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras.

⁷ É válido ressaltar que a ideia da formação de um cânon já implica num processo de afunilamento de concepções e ideologias que por sua natureza são excludentes; uma vez que os critérios de autoridade impostos para a seleção de textos que compõe o cânon servem como legitimação e perpetuação deste grupo no poder. Ver: HALL, S. G. Institutions in the pre-Constantinian *ecclesia*. In: MITCHELL Margaret M.; YOUNG, Frances M (2008). The Cambridge History of Christianity. Volume 1: Origins to Constantine. New York: Cambridge University Press.

discutia aquilo que devia ser imposto ao novo membro, como por exemplo se este deveria ou não se submeter à circuncisão.

Uma terceira situação, e não menos importante que as já citadas, está presente no *corpus paulino*.⁸ Das chamadas autênticas, mais especificamente a primeira epístola aos coríntios, o que se pode perceber é que as tensões existentes no interior da comunidade coríntia gravitam em torno do projeto de reino postulado por Paulo. Uma vez que este projeto apresenta uma dupla dimensão: o ideológico e o prático. Essa dupla dimensão possibilita perceber que de um lado, no campo ideológico, se conjectura um reino igualitário onde a diversidade existe, mas que esta diversidade não implica em distinções e ou desigualdades. Como se expressa em 1 Cor 12:13: "Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito". Em outras palavras, Paulo propõe um reino ideologicamente anti-imperialista, pois prega práticas contrárias ao Império Romano, que é tanto em nível prático quanto de projeto marcadamente desigual e hierarquizado. A ideia fica clara quando este no capítulo dez por intermédio das chamadas refeições sagradas gesticula o que é o Reino de Deus e o que é o Império Romano.⁹

Todavia, o reino conjecturado por Paulo também revela a sua pluralidade por conta das diferentes interpretações que se tem deste reino apresentado por Paulo e mesmo das diferentes ideias que irá se assumir sobre o patrono de Paulo: Jesus Cristo. Com isto queremos dizer que a pluralidade se revela também na segunda dimensão apontada anteriormente: a prática. Apesar de Paulo afirmar que todos são iguais segundo o Espírito, segundo o mesmo Espírito eles se tornam desiguais quando se verifica a estruturação das comunidades paulinas nas autênticas (1Cor 12: 27-30):

Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. E aqueles que Deus estabeleceu na igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm, a seguir, o dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos

⁸ Chama-se de *corpus paulino* as treze cartas presentes no cânon cristão. Sendo que destas apenas sete cartas teriam sido escritas de fato por Paulo (Rm, 1Cor, 2Cor, 1Ts, Fl, Fm, Gl) e as demais teriam sido escritas por indivíduos próximos a Paulo ou que tiveram contato com seu programa ideológico (2Ts, Ef, 1Tm, 2Tm, Tt). Ver: KOESTER, H (2005). Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo (vol.2). Trad.: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus.

⁹ Para uma análise mais detalhada sobre as refeições sagradas e as relações de alteridade construídas a partir desta, ver CAVALCANTI, J. As refeições sagradas: o programa paulino de Reino de Deus em oposição ao projeto imperial. In: NEARCO: Rio de Janeiro, 2013 (No prelo).

realizam milagres? Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam?

Este fragmento como nos ajuda pensar Fiztmey (2008:100-102) revela que no campo organizacional ou prático as distinções e hierarquias se fazem presentes e são conjeturadas por intermédio de discursos de autoridade, ainda que estes discursos sejam fluidos, dado que há uma ideologia igualitária e pluralizada. E mais do que isso, a dualidade expressa nos escritos tidos como autênticos de Paulo irão revelar que há diferentes leituras sobre estas funções, onde a tensão estabelecida é: se há hierarquias, qual é maior dentre elas? E se todos são, por que nem todos podem executar todas as ações ou manifestações provindas do Espírito, segundo Paulo?

Outro caso destas diferentes leituras é latente no capítulo quinze da mesma epístola onde Paulo diz que há membros que duvidam da ressurreição de Cristo. Pensando como Ginzburg (1990), onde deve-se ficar atento ao não dito, ao detalhe, esta crítica que Paulo faz a estes membros sugere que havia outras tradições circulando na Bacia Mediterrânea sobre a personagem Jesus. Tradição esta que é diferente da recebida e propagada por Paulo e seus seguidores, onde Jesus teria sido sepultado e ressuscitado.

E por fim apresentamos um quadro comparativo entre uma narrativa e seus desdobramentos no decorrer de camadas históricas onde uma determinada comunidade se apropria do texto e o adapta ao seu contexto. Em outras palavras, as tradições e/ou memórias formadas, propagadas e recebidas são fruto do meio em que elas emergem e dos discursos de poder que as legitimam:

Tomé	Marcos 6:7-11	Mateus 10: 5-8;11-14	Lucas 10: 8-11
Quando forem a qualquer região e andarem pelo campo , quando as pessoas os receberem, comam o que lhes servirem e curem aquelas que estiverem doentes.	Chamou a si os doze, e começou a enviá-los a dois e dois, e deu-lhes poder sobre os espíritos imundos; E ordenou-lhes que nada tomassem para o caminho , senão	Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos ; Mas ide antes às	E, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que vos for oferecido. E curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a

Pois o que entrar em sua boca não os conspurcará, é o que sai de sua boca que os conspurcará".	somente um bordão; nem alforje, nem pão, nem dinheiro no cinto; Mas que calçassem alparcas, e que não vestissem duas túnicas. E dizia-lhes: Na casa em que entrardes, ficai nela até partirdes dali.	ovelhas perdidas da casa de Israel; E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai.	vós o reino de Deus. Mas em qualquer cidade, em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizei:
	E tantos quantos vos não receberem, nem vos ouvirem, saindo dali, sacudi o pó que estiver debaixo dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo que haverá mais tolerância no dia de juízo para Sodoma e Gomorra, do que para os daquela cidade.	Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto, que já o reino de Deus é chegado a vós.	E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a;

		dos vossos pés.	
--	--	-----------------	--

Assim, numa leitura comparada das produções das quatro comunidades expressas acima o que se verifica é que as historietas, apesar de gravitarem em torno de um mesmo ponto, que seria a partida ou a saída para outros ambientes, os gatilhos de memória dialogam com o lugar ou o meio em que estas narrativas nasceram. E mais do que isto, sugerem diferentes compreensões e assimilações de um mesmo aspecto ou fato revelando assim não uma leitura única, mas sempre leituras de um mesmo fato (CHEVITARESE, 2011: 79-99).

3. O processo de institucionalização é um caminho natural?

Estamos convencidos de que o percurso de uma pessoa, grupo ou comunidade é feito de escolhas, onde projetos, propostas e caminhos são postos como prioridades e outros são rejeitados, isto consideramos inerente ao ser humano. Dois problemas nos ocorrem referentes a esta questão. O primeiro se localiza no fato de que as hierarquias, não tanto do período, mas aquelas mais distantes dos processos históricos e das disputas “teológicas”, tentarem harmonizar experiências distintas e por vezes antagônicas, como se estas relações de poder fossem contrárias ao processo de formação das comunidades e dos seguidores do caminho proposto pelo homem Jesus em um tempo e espaços específicos.

A segunda questão começa quando a proposta vencedora assume o caráter absoluto de verdade e decorre disto. O que é ainda mais grave quando comparado com as lutas e disputas colocadas em um momento histórico qualquer, pois o distanciamento do cientista social – seja ele historiador, sociólogo, entre outros campos – não o impedi de produzir teologia e/ou uma breve reflexão metodológica, já que ele mantém os termos “heresia” e “ortodoxia”. Concedendo assim, o estatuto de verdadeira e correta a uma determinada vertente (e em decorrência disto) perpetua a concepção de que as demais são experiências religiosas menores e por isto mesmo perderam a disputa no decorrer dos debates para o processo de construção da “legítima” leitura. Esta compreensão advém de filtros de leitura que normatizam e essencializam estas práticas discursivas.

Estes dois aspectos se tornam ainda mais latentes quando nos voltamos para as documentações, sejam elas arqueológicas e/ou escritas, produzidas no decorrer de finais do século I EC até o século IV EC, quando o Cristianismo é elevado à categoria de religião oficial do Império Romano e o Concílio de Niceia busca definir as fronteiras do Cristianismo. O que se percebe é que a fluidez de

ideias e interpretações sobre o movimento, como fora apresentado no tópico anterior, cedeu espaço a uma linha institucional marcadamente excludente. E para isto se valeu de diferentes discursos de alteridade.

Um bom exemplo disso se concentra no impacto da personagem Paulo na região da Ásia Menor. As memórias e textos que circulavam sobre o mesmo acabaram por serem adaptadas ou repropriadas segundo uma ótica não mais anti-imperialista e por isso mesmo igualitária – igualdade esta ainda que seja mais presente no campo ideológico –, concepção presente na documentação tida como autêntica; mas com uma lógica que acaba por dialogar com os princípios imperialistas: hierarquizada e excludente.

A Primeira Epístola a Timóteo é uma produção que se insere neste contexto¹⁰ e revela de que forma estas memórias sobre Paulo são reconfiguradas num contexto de hierarquizações. Esta reconfiguração se instaura num primeiro momento pelo fato de que Paulo não se reporta à comunidade, mas ao indivíduo Timóteo¹¹, lhe atribuindo o papel de liderança às casas-igrejas que esta carta visa atingir com o seguinte título “Timóteo, meu verdadeiro filho na fé”.

E o autor da carta vai mais adiante, afirmando que a autoridade de Timóteo já havia sido pronunciada por profecias e diz que sua responsabilidade está em combater indivíduos como Himeneu e Alexandre, pois estariam blasfemando (1Tm 1: 18-20). Nestes versículos, o que fica claro é que por intermédio da figura de Paulo se postula a sucessão e que ideias contrárias ao que esta liderança ou grupo liderante pense deva ser interpretado por blasfêmia. Em outras palavras, é uma clara evidência de processo de formação de institucionalização excludente.

Outro aspecto que se sobressalta neste processo de exclusão é quanto ao papel das mulheres. Uma vez que estas não são tidas mais como iguais nas comunidades. Sua função no interior das casas-igrejas passa a ser o silêncio, a submissão ao que o autor chama de boas obras; estando assim distantes de funções proeminentes como o ensino.¹² Sobre isso, Crossan e Reed (2007: 101-

¹⁰ Koester (2005:317-319) afirma que o fato de Marcião não incluir 1Tm, 2Tm e Tt em seu cânon e de que elas não constam nos manuscritos mais antigos das epítolas paulinas não só reforçam a ideia de estas não serem cartas escritas por Paulo, bem como, dificultam a precisão de suas datações apesar de sabermos que elas já eram conhecidas por Irineu e Tertuliano. Além de serem mencionadas no cânon de Muratori.

¹¹ A única exceção entre as cartas ditas autênticas em que Paulo não se reporta a comunidade é Filemon. No entanto, nesta carta ele trata de um assunto muito específico e particular que é sobre o escravo Onésimo. Inclusive, Chevitarese (2011:123-135) chama atenção a este detalhe sobre esta carta ao compará-la com as correspondências de Cícero.

¹² Uma clara evidência sobre o papel feminino nas casas-igrejas está presente no 1Cor 11:3-6, onde apesar da existência de normas para com a mulher deva se portar, seu direito ao ensino e a profecia são inegáveis. Outro exemplo é personagem Maria Madalena que no evangelho de João aparece como apóstolo, pois é a única a ver Jesus ressuscitado, numa experiência assim similar a de Paulo. Ver:

104) apontam que este estes mecanismos dialogam com o posturas existentes no meio romano. Onde as mulheres se demonstravam como distintas e proeminentes no ambiente público por intermédio de financiamento de obras públicas e doações.

Contudo, os indivíduos que compõem as lideranças nestas comunidades são ainda mais seletos. Além do afastamento das mulheres, há também um afastamento dos que integraram o movimento há menos tempo. Exigindo ainda que o cargo de bispo pertença àquele que seja capaz de se manter numa função honrosa frente a seus filhos, casa e esposa. Uma leitura que se apresenta similar aos editos de Augusto. (CROSSAN; REED, 2007: 100)

Neste sentido, é importante que se observe que, ao se criar a ideia de “verdadeira doutrina”, sucessão e desigualdades como no caso do afastamento das mulheres de funções proeminentes configura-se um projeto de cristianismo atrelado ou que busca manter ligações com o Império. Onde as memórias são enquadradas¹³ (lembadas, esquecidas e/ou interpoladas) às diretrizes destas lideranças que visam este diálogo com o Império.

4. Cristianismo Africano, Experimentando uma Teoria.

Aqui devemos concentrar nossas atenções, pois este ponto é hoje o que nos movimenta na busca incessante por bibliografia historiográfica de fontes e cultura material, para estabelecer um projeto teórico-metodológico a fim de justificar a afirmação de que já havia judeu-cristãos no Norte da África, e mais precisamente no Egito e Alexandria, antes dos séculos II e III EC.

Para tanto, precisamos seguir alguns critérios de demonstração para fazer tal afirmação, bem como dizer que este ainda é um caminho de demonstração de hipóteses que necessitam de um olhar crítico para que no futuro possa-se afirmar e seguir este caminho de pesquisa ou aceitá-lo como improvável e abandonar a teoria.

Tal afirmação nos obriga a antecipar no tempo e buscar experiências da diáspora judaica naquela região, isso pode ser capaz e a questão está bem documentada, fato este que nos facilita bem o trabalho. Baseia-se para esta questão em duas obras específicas, embora o número de materiais que tratam do tema é bem maior do que aquilo que apresenta-se aqui, mas estes servem bem ao nosso propósito de uma elaboração inicial acerca da questão.

CHEVITARESE, A. L (2012). Maria Madalena no cinema mudo. In: Revista Jesus Histórico. Rio de Janeiro: Volume 8, Ano V.

¹³ Sobre os processos de construção e adaptação de memória e oralidade ver PORTELLI, A (2010). *Ensaios de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz.

4.1. Obras de referência acerca do Tema:

A primeira obra é do especialista em história e cultura judaicas, Levine L. J. (2005). **The Ancient Synagogue: The First Thousand Years.** Yale: Yale University Press. Uma obra abrangente da sinagoga do período helenístico através da Antiguidade Tardia. Lee Levine traça as origens e o desenvolvimento desta instituição dinâmica e revolucionária. A obra, em sua segunda edição, reflete em suas 816 páginas as últimas informações no campo e inclui uma riqueza de material publicado recentemente que vão desde relatórios de escavação a monografias e artigos publicados em volumes editados e periódicos acadêmicos. É uma obra que muitos pesquisadores reconhecem como o melhor e mais relevante trabalho do ponto de vista arqueológico, arquitetônico, histórico e institucional, relacionados a esta instituição chamada sinagoga.

O segundo material de fundamental importância está na obra: Davies, W. D. Finkelstein, L. (editores). **The Cambridge History of Judaism.** Cambridge: Cambridge University Press. Chamo atenção no caso do tema em que proponho, a saber, comunidades cristãs no norte da África, mais precisamente na região do Egito, onde no período em que me atenho, primeiro e segundo século, encontrávamos o Egito e a Alexandria como estados independentes. Sugiro a leitura do capítulo 4 que trata da diáspora na era helenística, a partir do governo de Alexandre Magno.

Por fim, a obra de Mitchell, M. e Young, F. M. (editores). **The Cambridge History of Christianity.** Cambridge: Cambridge University Press. No seu volume primeiro aponta a possibilidade de termos tido comunidades cristãs coptas na região de Nag Hamadi, região onde foram encontrados uma série de papiros classificados de gnósticos. O texto infere que tais comunidades se assemelham ao modelo “judeu-cristão” e que pelo tipo de escrita, ou seja, mais vulgar, podem ser comunidades camponesas e não citadinas.

Os mapas:

4.2. Referências à região em documentos cristãos canônicos:

O primeiro caso que pretendo trazer é uma referência a um cidadão de nome Apolo, que é enviado de Alexandria a ter com a comunidade paulina de Éfeso. O texto o classifica como sendo judeu versado nas letras e conhecedor da lei e dos profetas, tal caso encontra-se em Atos 18 24-25:

E chegou a Éfeso um certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloquente e poderoso nas Escrituras. Este era instruído no caminho do Senhor e, fervoroso de espírito, falava e

ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João.

1 Coríntios 1: 10-15; 3: 3-6:

Porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens?

Porque, dizendo um: Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais? Pois, quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento.

4.3. Dados extrabíblicos:

Carta do Imperador Adriano

Queridíssimo Serviano, o Egito que tanto elogiavas parece-me ser leviano, vacilante e borboleteador entre os rumores de cada momento. Os que adoram a Serápis são cristãos. E os que dão o título de bispos de Cristo são devotos de Serápis. Não há chefe da sinagoga dos judeus, nem samaritano, nem presbítero cristão, que não seja também numerólogo, adivinho e saltimbanco. São gente altamente sedicosa, vã e injuriosa, e sua cidade é rica, opulenta, fecunda. Nela ninguém está ocioso. Uns sopram vidro, e outro fabricam papel, e todos parecem ser tecedores de linho ou têm algum ofício. Tem trabalho os reumáticos, os mutilados, os cegos e até os inválidos. O único deus de todos eles é o dinheiro, a quem adoram os cristãos, os judeus e toda classe de pessoas.

(Trecho da carta do imperador Adriano (117-138) a seu cunhado o cônsul Serviano. In: GONZALEZ, 2003, p.117).

5. Conclusão.

O que tentamos apresentar pode se definir em três questões básicas:

(a) As relações estreitas entre religião e política, os como costumava dizer Casaldáliga, “o problema entre a relação fé e política é o “e” que insistimos em colocar entre as duas palavras”. Em outras palavras, a questão gravita em torno de uma demanda instaurada a partir do advento da modernidade onde política e religião deveriam ser elementos completamente dispareces. Como se não houvesse nenhum diálogo entre as mesmas;

(b) Aprender a exercer o exercício da crítica a tudo aquilo que nos chega, principalmente quando este material advém de leituras essencializadas, sejam elas historiográficas, sociológicas ou teológicas. Ou seja, um texto, uma imagem, enfim, qualquer material produzido ainda que seja arqueológico¹⁴ dialoga com o contexto em que foi produzido. E mais do que isso, a documentação tal como temos hoje ou como nos é apresentada passou por um longo processo de intervenções e releituras

¹⁴ A postura para com o material arqueológico deve ser sempre ponderada quando confrontada com a escrita, pois a documentação arqueológica é fruto de uma ação involuntária. Diferentemente da escrita que sempre está sujeita a uma ideologia ou demanda de um indivíduo ou de grupo.

que em nosso caso específico tendem às leituras dogmáticas e fundamentalistas, reforçando sempre a ideia de naturalização de uma exclusão institucional que se vale de mecanismos diversos (discursos de autoridade e violência estão entre eles) para sua perpetuação e manutenção do poder;

(c) cada vez estamos mais convencidos de que o exercício de construção do conhecimento deve passar por práticas transdisciplinares, transculturais. Uma vez que se comprehende que o homem como nos diz Veyne (1976) é naturalmente comparativista. E o comparativismo implica na percepção de que o diálogo entre outros campos do saber se faz mais do que necessário para que se admita e reconheça a diversidade de leituras e questões que podem emergir de um mesmo ponto ou assunto.

Por fim e a partir destas três questões básicas apontadas acima chamamos atenção para o impacto das mesmas nos estudos sobre os cristianismos antigos. Onde um movimento que se configurou ou tendeu a se apresentar como único é fruto de um longo processo de embates, arranjos e rearranjos. Mas que em nenhum momento deixou de ser plural, pois as experiências religiosas não sempre plurais e um bom indício disto se encontra no próprio cânon cristão. Que apesar de todo o esforço de leituras dogmáticas para sistematizar uma forma de se ler os textos existentes no cânon, isto não anulou a preservação de experiências distintas sobre um mesmo evento norteador.

6. Referências Bibliográficas.

1. Fontes.

- Atos dos Apóstolos, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Evangelho de Lucas, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Evangelho de Marcos, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Evangelho de Mateus, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Primeira Epístola a Timóteo, In: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- Evangelho de Tomé.
- Carta do imperador Adriano. GONZALEZ, 2003

2. Trabalhos teóricos.

- GINZBUG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- HUNTINGTON, S. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Osasco: Ponto de Leitura, 2010.
- PORTELLI, A. **Ensaios de História Oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TAMAYO, J. J. **Otra Teología es Posible: Pluralismo Religioso, Interculturalidad y Feminismo.** Barcelona: Heder, 2011.
- VEYNE, P. **O inventário das Diferenças: História e Sociologia.** São Paulo: Brasiliense, 1976.

3. Textos específicos:

- CAVALCANTI, J. "Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo": uma breve análise sobre o programa paulino de Reino de Deus. **Revista Jesus Histórico**, 2013.
- _____. As refeições sagradas: o programa paulino de Reino de Deus em oposição ao projeto imperial. In: **NEARCO**: Rio de Janeiro, 2013.
- Chevitarese, A. **Cristianismos: Questões e Debates Metodológicos.** Rio de Janeiro: Kline, 2011.
- _____. Maria Madalena no cinema mudo. In: **Revista Jesus Histórico**. Rio de Janeiro: Volume 8, Ano V, 2012.
- _____. Cornelini, G. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaios Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.
- _____. Selvatici, M. **Jesus de Nazaré: Uma Outra História.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.
- CROSSAN, J. **Quem matou Jesus. As Raízes do Anti-Semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus.** Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. e REED, J. L. **Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano.** São Paulo: Paulinas, 2007.
- FITZMYER, J. **The Anchor Yale Bible: First Corinthians.** A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 2008.
- HALL, S. G. Institutions in the pre-Constantinian *Ecclesia*. In: MITCHELL Margaret M.; YOUNG, Frances M. **The Cambridge History of Christianity.** Volume 1: Origins to Constantine. New York: Cambridge University Press, 2008.
- KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo Primitivo (Vol.2).** Trad.: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

VERMES, G. **Jesus, o Judeu: Uma Leitura dos Evangelhos Feita por um Historiador.** São Paulo: Loyolam, 1990.

_____. **Jesus e o Mundo do Judaísmo.** São Paulo: L